



O ACARAJÉ: PATRIMÔNIO CULTURAL SÍMBOLO DA RESISTÊNCIA DA CULTURA AFRICANA

MARCOS, SHARA GABRIELI SANTOS DE OLIVEIRA¹
PIMENTEL, JULIANA MARIA VAZ²

Resumo: A presente pesquisa refere-se ao primeiro capítulo do trabalho de conclusão de curso de bacharelado em turismo. Possui como objetivo central analisar o Acarajé, patrimônio cultural tombado pelo IPHAN em 2005, como símbolo de resistência da cultura preta, uma vez que o Acarajé tem relação com a religião de matriz africana, o Candomblé. Além disso, a venda de Acarajé é a atividade geradora de renda para as mulheres Baianas e seus familiares, além de ser um dos fomentadores do turismo gastronômico na Bahia, já que o quitute serve como um atrativo que movimenta pessoas de todas as partes do país e do mundo para conhecer Salvador (BA) e provar o sabor da comida típica. Para a construção do trabalho foi utilizada a metodologia de caráter exploratório, e também foi realizada uma entrevista semi-dirigida com as mulheres vendedoras de Acarajé, entre o período de janeiro e fevereiro de 2020 em Salvador (BA), especificamente, no centro histórico (Pelourinho), com o intuito de recolher informações referente ao Acarajé e as Baianas. Dessa forma o Acarajé demonstra seu grande valor cultural, visto que o tombamento é de grande importância para a visibilidade do ofício, pois concede mais autenticidade ao quitute e empoderamento as Baianas do Acarajé.

Palavras-chave: Acarajé; tradição; Patrimônio Cultural; Religião.

Abstract: The present research refers to the first chapter of the work of completing a bachelor's degree in tourism. Its main objective is to analyze Acarajé, a cultural heritage listed by IPHAN in 2005, as a symbol of resistance of black culture, since Acarajé is related to the African religion, Candomblé. In addition, the sale of Acarajé is an income-generating activity for Bahian women and their families, in addition to being one of the promoters of gastronomic tourism in Bahia, since the delicacy serves as an attraction that moves people from all parts of the country. and the world to visit Salvador (BA) and taste the typical food. For the construction of the work, an exploratory methodology was used, and a semi-directed interview was also conducted with the women salespeople from Acarajé, between the period of January and February 2020 in Salvador (BA), specifically, in the historic center (Pelourinho), in order to collect information regarding Acarajé and Baianas. In this way, Acarajé demonstrates its great cultural value, since the listing is of great importance for the visibility of the trade, as it grants more authenticity to the delicacy and empowerment of the Baianas of Acarajé.

Key-Words: Acarajé; tradition; Cultural Heritage; Religion.

Introdução

O Acarajé é uma comida típica do estado da Bahia e está presente nas ruas de Salvador (BA). O Acarajé é uma verdadeira tradição já que está representado em muitas histórias de superação e resistência das mulheres pretas. Baianas do Acarajé, como são conhecidas às mulheres que praticam a venda de Acarajé nas ruas de Salvador, trazem consigo a tradição e a herança dos seus antepassados que chegaram na Bahia na época da

¹ GRADUANDA EM TURISMO, UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP) ROSANA, SÃO PAULO.

² DOUTOR (A) EM GEOGRAFIA, UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (UFGD), MATO GROSSO DO SUL.

escravidão. Pelo fato do Acarajé representar a religião, tradições, cultura e gastronomia dos negros oriundos da África, em 2005 o IPHAN o tombou como patrimônio cultural.

Dessa maneira, a presente pesquisa tem como objetivo analisar o Acarajé como patrimônio e símbolo de resistência da cultura e da religião das Baianas do Acarajé e como atrativo gastronômico que além de promover o turismo na Bahia, também possibilita a geração de renda para muitas mulheres negras. Portanto a presente pesquisa irá discutir o Acarajé como patrimônio cultural, e como um dos ofícios das baianas, posteriormente será discutido sobre a ligação existente entre a origem do Acarajé e a religião, na qual se enfatiza a conexão com a orixá OYÁ. Por fim será abordada a questão do Acarajé, como uma gastronomia, capaz de fazer parte da cultura baiana, e portanto servir como um atrativo de turistas que chegam em Salvador de diversas regiões do país e do mundo.

O que é o patrimônio cultural imaterial (ofício)

Para compreendermos melhor o conceito de patrimônio devemos elucidar seu significado que está atrelado ao ato de proteger e valorizar o material³ e o imaterial⁴, segundo o conceito da Secretaria de Cultura do estado de Alagoas:

patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia (ALAGOAS, 2020, n.p).

O patrimônio cultural envolve aspectos do cotidiano de um povo como religião, culinária, danças típicas, artes, entre outros. “O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo”(IPHAN, 2020,n.p).

Instituições governamentais como o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) promovem o tombamento desses bens culturais, como forma de proteção. Assim o IPHAN constitui-se em:

³ O patrimônio material protegido pelo Iphan é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes e das artes aplicadas(IPHAN,2014,n.p)

⁴ Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas) (IPHAN,2014,n.p).



uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras (ALAGOAS, 2020 apud IPHAN,2014).

Ainda, o conceito de patrimônio cultural está relacionado com a memória de um povo, se encontra na forma material e imaterial segundo o conceito da constituição federal de 1988:

constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: **I**- as formas de expressão; **II** - os modos de criar, fazer e viver; **III** - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; **IV** - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; **V** - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico (BRASIL,1988).

A partir do conceito de patrimônio, podemos considerar que o acarajé⁵ se enquadra no significado de patrimônio porque sua herança gastronômica refere-se às formas de expressão, modos de criar , fazer e viver dos negros que chegaram ao Brasil no período colonial. Nesse sentido, o acarajé um dos focos da nossa pesquisa, devido ao seu contexto histórico-religioso ser considerado como patrimônio cultural no ano de 2005.

Seu tombamento está imbuído de grande valor social e simbólico, pois desde o seu preparo até a sua venda está associado à imagem da mulher preta, transvestida da indumentária de baiana, que vende tanto o acarajé quanto o tacacá, outro prato muito conhecido entre a gastronomia baiana. “O processo de patrimonialização desse ofício aponta, antes de tudo, para o fato de que as baianas do acarajé e as tacacazeiras, bem como sua rede de clientes, percebem que essas práticas são dotadas de um valor social e cosmológico particular” (BITTER; BITAR, 2012, p.215).

Descendentes das escravas vinda da África, a baiana, nome original das vendedoras de quitutes apimentados nas ruas de Salvador, representa o símbolo mais forte da cultura popular da Bahia. De acordo com a sua riqueza histórica e dos aspectos simbólicos ligados à

⁵ No início da pesquisa trabalhamos com o termo, “bolinho de acarajé”, no entanto, a partir das entrevistas realizadas com as Baianas do Acarajé, fomos muitas vezes corrigidas por elas, de que não é “bolinho” e sim “Acarajé”! Então diante das respostas das baianas, usaremos o termo Acarajé, devido ao fato de julgarmos pertinentes as justificativas mencionadas pelas Baianas.

identidade do preto escravo, o ofício das “Baianas do Acarajé” foi considerado patrimônio cultural pelo IPHAN. Este bem cultural de natureza imaterial está inserido no Livro dos Saberes⁶ em 2005. Nesse livro consta que: “é uma prática tradicional de produção e venda, em tabuleiro, das chamadas comidas de baiana, feitas com azeite de dendê e ligadas ao culto dos orixás, amplamente disseminadas na cidade de Salvador, Bahia”(IPHAN, 2005,p.n).

Em uma pesquisa realizada no mês de janeiro de 2020, em Salvador (BA) com oito mulheres Baianas do Acarajé havia uma pergunta que se referia ao acarajé como patrimônio. Sobre o seguinte questionamento: “Você tem conhecimento de que o bolinho de acarajé foi tombado como patrimônio cultural em 2005?” As oito Baianas do Acarajé responderam em unanimidade “sim”.

A partir das respostas referentes ao patrimônio do acarajé pudemos perceber em uma breve resposta da Baiana Marici, que exerce as funções de Baiana há 28 anos o quanto é importante para ela o reconhecimento do acarajé como patrimônio cultural. A expressão dela é de alguém que se empodera pelo fato do Acarajé ser tombado como patrimônio cultural: “*tenho, tenho, ai eu digo eu sou tombada, não sabe não meu amô?*”(Marici. Entrevista realizada em 02/2020).

Ao realizar a mesma pergunta à outra Baiana do Acarajé, ela nos respondeu: “*tenho ,tenho, tanto que o turista chega aqui diz a mim tem maionese? Eu falei a não, isso aí pode ser qualquer coisa menos Acarajé, Acarajé é uma comida hoje patrimônio imaterial, respeite ele*” (Mary. Entrevista realizada em 02/2020). Nesta resposta, podemos verificar que as Baianas do Acarajé também possuem grande preocupação em manter a receita tradicional do Acarajé, além de valorizar seu tombamento. A Baiana Mary que exerce o ofício há 28 anos, enfatiza a apropriação cultural vinda de um turista e que por conta do patrimônio ela pode se empoderar e “desviar” uma possível desvalorização do Acarajé, explicando que o Acarajé possui ingredientes autênticos e que quando alterados, modificam a essência do mesmo e toda uma história e cultura.

⁶ O livro foi criado para receber os registros de bens imateriais que reúnem conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. De um modo geral, os saberes estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais, consistem em saberes relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais.

Em uma outra entrevista a baiana Sueli associa o acarajé ao orixá Oyá: *“tenho, tenho, tenho, conhecimento, totalmente conhecimento, só que nunca se chamou bolinho e nunca vai se chamar bolinho... é Acarajé! Acarajé que na realidade é bola de fogo de Oyá e se chama acará dentro do candomblé”*(Sueli. Entrevista realizada em 01/2020). Nessa explanação, além de relacionar o acarajé à religião de matriz africana, a baiana corrigiu a forma como o acarajé foi chamado na pergunta: “você tem conhecimento de que o bolinho de acarajé foi tombado como patrimônio cultural em 2005”?

Portanto, o tombamento do ofício das Baianas como patrimônio cultural vem como uma proteção da cultura e autenticidade do Acarajé, assim como terreiros de candomblé e umbanda. “O tombamento de terreiros faz parte de uma postura do IPHAN de trabalhar para a preservação histórica de todas as manifestações que contribuíram para a formação da identidade nacional”(IPEA,2007), os terreiros não tem só como função ser um local para as práticas de rituais religiosos, mas também são espaços de resistência, que carregam história e cultura dos afrodescendentes.

Além das práticas religiosas, os terreiros também são representados como espaços de luta e resistência do povo negro, além da disseminação da cultura africana no Brasil. São considerados espaços de reprodução das matrizes africanas e sua interação com outras matrizes no Brasil (IPEA,2007,n.p).

Nesse sentido há uma relação entre os terreiros de religião afrodescendente e o acarajé, ambos possuem uma relação muito forte com o candomblé *“para os povos africanos e seus descendentes, a comida sempre manteve uma estreita ligação com o sagrado, ou seja, com a religião”* (ERNANDES,2013,p.18).

O acarajé, como já citado, é um quitute que tem relação com a religiosidade africana. Ele é oferecido a Iansã (OYÁ), como oferenda, os ingredientes e a forma de preparo do acarajé, tem relação com o orixá. Sobre isso, Ernandes (2013,p.18) aponta que: *“no candomblé – palavra que significa união de nações - a comida desempenha um papel fundamental, pois é considerada um forte elemento de ligação entre os homens e os orixás”*.

Ainda para o mesmo autor o patrimônio tanto para o acarajé como para os terreiros têm um sentido grandioso de proteção e valorização cultural, existe uma conexão entre o acarajé e os terreiros do momento em que o acarajé é servido como oferenda a Oyá, por esse fato, de o acarajé ser uma comida de oferenda a Oyá e carregar consigo, histórias de

resistência de um povo escravizado, servir de sustento para mulheres Baianas e seus familiares, o acarajé veio a ser tombado como patrimônio cultural (IPHAN,2005).

1.1 A religião

A cultura africana apresenta muita ligação com a religiosidade. Mesmo os escravos sendo proibidos de expressar elementos de sua cultura, inclusive o religioso, continuaram se expressando culturalmente, tendo que enfrentar preconceito e não aceitação alheia:

como reflexo da marginalização e discriminação reservada ao negro em nossa sociedade, as manifestações de religiosidade afrobrasileiras, por serem religiões de transe, de culto aos espíritos e em alguns casos de sacrifício animal, têm sido associadas a estereótipos como o de “magia negra”, (por não apresentarem geralmente uma ética voltada para uma visão dualista do bem e do mal, conforme estabelecem as religiões cristãs tradicionais), superstições de gente ignorante, práticas diabólicas, etc (NASCIMENTO, 2010, p.924).

Vindos da África ou até mesmo criados aqui no Brasil, os ataques a essas crenças sempre foram frequentes. Entre essas religiões de matriz africana existe o candomblé e a umbanda que juntamente com os pretos⁷ que sempre foram alvos de preconceitos e restrições por serem sempre associados a algo ruim, foram obrigados a se converter há uma religião cristã europeia. “No Brasil, elas se integram ao catolicismo, ampliando e oferecendo novas formas de cultuar as divindades”(LODY,2006,p.37). Diante de tanto preconceito e rejeição os negros lutaram e ainda lutam contra intolerância religiosa.

O IPHAN é quem promove o processo de tombamento dos terreiros de umbanda e candomblé, sob a justificativa de que esses terreiros carregam história e a cultura dos afrodescendentes. “Os terreiros abrigam um universo simbólico rico em tradições como as danças, cantos, poesias (oriquis), mitos, rituais e organizações espaciais que mantêm vivas as memórias ancestrais dos africanos” (IPHAN, 2014). Segundo o IPHAN (2014) o intuito do tombamento é a proteção e valorização dos terreiros que são lugares que não só obtém a função do culto religioso, mas também carregam história de lutas e resistência dos povos

⁷ Neste trabalho adotaremos o termo preta/o, vendo que o trabalho está totalmente atrelado a questões culturais e ao patrimônio cultural imaterial, vimos que o termo “negra”, deriva de muito preconceito, e como Mulher Preta, me agrada que me direcione como Preta, é mais confortável. Portanto adotamos o termo PRETA para ser usado nesta pesquisa.

negros. Nos terreiros são realizados cultos religiosos e oferendas aos Orixás africanos que são divindades ligadas a força da natureza (ar, água, terra e fogo).

Os Orixás, divindades do candomblé ligados às forças da natureza e a aspectos da vida humana, assim como os homens, têm seus gostos e preferências. Muito mais que relacionada a um sistema nutricional, a comida é também chamada de Axé do Orixá, indispensável para a conservação da vida (BORGES,2008,p.21).

São oferecidos nos cultos religiosos a esses orixás comidas como uma forma de gratidão ou até mesmo a prova de sua fé e respeito. Conforme aponta Cascudo (2004, p. 825) “nas cerimônias religiosas dedicadas aos deuses é indispensável o banquete ritual, com comidas que a antiguidade tornou sagradas”. Dentre esses deuses, que no candomblé são denominados de orixás, está Oyá (Iansã), para ela é oferecido acarajé, a partir de um ritual próprio para se tornar sagrado antes da oferenda a orixá (MASCARIN,2012).

Durante a oferenda , segundo (MASCARIN,2012) o acarajé é preparado de modo diferente de quando se prepara para outros fins, nos rituais religiosos utilizam-se utensílios que não retiram a dimensão sagrada da comida. “Observa-se, portanto, que durante o ritual de preparação do acarajé, os apetrechos de cozinha sofreram modificações na longa duração, o que não tira a dimensão sagrada do alimento”(MASCARIN,2012,p.3).

Outro requisito importante para o ritual de oferenda é a presença do Alaká (Pano de Costa) ele está presente no candomblé é utilizado pelo religioso que está preparando o acarajé. O Pano de Costa, assim como algumas peças das vestimentas das baianas, é muito simbólico, e um dos seus objetivos é demonstrar o respeito pelo orixá que está sendo representado.

É no Candomblé que o uso do Pano da Costa está presente, limitado ao contexto sócio-religioso dos terreiros, tendo sido reelaborado e adaptado. A função sagrada do Pano da Costa faz dele um elemento de importância fundamental nas representações dos Orixás que são identificadas através das cores, insígnia de cada divindade. Traduz, também, o respeito diante das divindades ali celebradas, sendo um elemento simbólico repleto de significado. (SANTOS, 2009, p. 20 apud MASCARIN,2012,p.3).

Iansã é considerada a mãe dos “9 filhos mortos” e por esse motivo são oferecidos 9 acarajés para ela ,tendo assim resultados positivos no que é rogado á ela.

Iansã também é considerada à senhora dos nove partos, ou nove filhos. Segundo o sacerdote, Cido de Ósum (2002) o número nove está associado a várias passagens importantes da história desse Orixá, por isso, oferecendo a ele nove acarajés é bem possível que se consiga maiores graças (BORGES,2008,p.22).

A história do orixá Iansã⁸ com o acarajé se dá através de uma lenda no qual Iansã, oferecia seus acarás⁹ a Xangô¹⁰ seu marido, que provém do elemento fogo e que ao comê-lo, saíram bolas de fogo de sua boca.

Existe uma lenda sobre o acarajé na qual diz que Iansã procurou Ifá, um oráculo africano, para buscar comida para o marido Xangô. O oráculo falou para a esposa que quando o marido comesse deveria contar para o povo. Ao partir, Iansã desconfiou e comeu antes de levar a ele, porém nada aconteceu. Quando chegou em casa, deu a comida a Xangô e disse as recomendações. Quando comeu foi contar ao povo e fogo saiu de sua boca. Iansã ficou nervosa e correu para ajudá-lo, mas de sua boca também saiu fogo e o povo começou a chamá-lo de grande rei de Oyó (do fogo) (TV HOTELEIRA, RIBEIRÃO PRETO E REGIÃO,2015).

O Acarajé, por possuir um sabor autêntico e muito apimentado, tem muito em comum com as características de Iansã pertence ao elemento fogo, assim como Xangô, o Acarajé é frito no azeite de dendê, que além de quente possui uma cor vibrante.

No dia 30 de junho de 2020 foi realizada uma entrevista via *Whatsapp* com a *Yalorixá* Luana Basso¹¹. Foram feitas três perguntas relacionadas à Oyá e a relação do Orixá com o acarajé. As perguntas foram as seguintes: “Qual a relação do acarajé com a religião de matriz africana?”, “Qual a relação do acarajé com a Orixá Oyá?” e “Quais são as principais características desse Orixá?”.

⁸ Inhaça, Iança ou Iansã é a guerreira mais valente das *Yabás* (Orixás mulheres) com temperamento forte e personalidade marcante. Orixá dos ventos e tempestades. É também conhecida como *Oyá*, a deusa do Rio Níger na África (SANTUÁRIODEUMBANDA,2020).

⁹ A palavra *acarajé* se origina da língua africana iorubá: akará = bola de fogo e jé = comer, sendo assim, “comer bola de fogo”. O significado vem da história de Xangô com sua esposa Iansã(FUNDAÇÃO PALMARES,2016,n.p).

¹⁰ Xangô é o Senhor da Justiça, o Orixá da Lei. Rege os domínios do fogo, expresso nos raios e nas lavas de vulcão. Seu axé está nas pedreiras. É considerado de grande poder, Orixá justiceiro.No sincretismo religioso, Xangô representa São Jerônimo(SANTUÁRIODEUMBANDA,2020).

¹¹ Yalorixá Luana Basso, 35 anos, natural do Estado de São Paulo. Em São Paulo se iniciou no candomblé pelas mãos de Ruth de Oxum, aos 16 anos de idade, porém desde seu nascimento já participava dos fundamentos religiosos. Seu orixá é Oyá, popularmente conhecida como Iansã. Atualmente mora em Salvador – (BA) e dá continuidade a sua vida religiosa dentro dos fundamentos da religião de matriz africana. Hoje é conhecida como Ya Luana D'Oya Onira. Pode se dizer que Ya Luana está dentro dos costumes da religião de matriz africana desde seu nascimento, tradicionalmente levando a frente o legado dos seus antepassados. Ya = abreviação de yalorixá que significa mãe em yoruba.

Em relação a primeira pergunta, a Yalorixá explicou que Xangô era um rei e Oyá sua esposa. O acarajé serviu como uma oferta ao rei Xangô, e como os dois regem o elemento fogo, os acarajés eram muitos apimentados e por isso o nome.

A relação do acarajé com o orixá Oyá é... Yansã(Oyá) uma das esposas de Xangô, fazia os bolinhos para oferecer ao seu rei (Xangô) então no caso ela fazia mais compridinho e retangular chamado Acará né, o acarajé popularmente conhecido em refeição mas dentro da religião de matriz africana o candomblé é servido o acará que em ioruba significa bola de fogo, porque é um dos elementos de Iansã e também um elemento de Xangô, os dois regem o fogo, então como era frito naquele azeite de Dendê e dava impressão de estar mergulhando nas larva de fogo ficou conhecido como acará que é a tradução de bola de fogo, e popularmente conhecido acarajé né (YALORIXÁ LUANA BASSO. Entrevista realizada em 06/2020).

Percebe-se que o acarajé dentro da religião como oferenda (comida de santo) é chamado somente de acará. Nas ruas de Salvador, onde são comercializados, são identificados como acarajé, isso demonstra que há mudanças no Acarajé comercializado e no Acarajé cultuado no candomblé.

Mesmo com as mudanças em relação ao elemento da oferenda e comercialização, em entrevista com as oito Baianas do Acarajé, em uma pergunta: “o que significa o Acarajé para você?”, duas delas responderam o atrelando a religião. Além disso, demonstraram levar em consideração a questão do elemento de oferenda:

O bolinho de acarajé começa pelo, pela... identidade que se chama, ela no candomblé né, que é Oyá que é Iansã, então é uma coisa religiosa, então da religião veio pro tabuleiro, que agora virou um comércio né que todo mundo, todo mundo vende, que na realidade não era pra todo mundo, era só pra filha de santo, quem tem, quem tem sua seita, e agora estendeu pra todo mundo fazer, mas eu faço a minha parte (SUELI .Entrevista realizada em 01/2020).

Nessa resposta a baiana expressa conhecimento sobre o acarajé ser uma comida de oferenda. Ainda ressalta sobre a existência de restrições quanto à permissão de quaisquer pessoas comercializarem o acarajé, pois somente as filhas de santo (filhas de Oyá) podem fazer a venda em sinal de respeito á religião.

Em outra resposta da Baiana Norma, nota-se a presença do religioso envolvendo a orixá Oyá:

O acarajé pra mim... é uma comida afro, que é de Iansã,é comida oferenda a Iansã, então nós temos que ter o respeito por ela e botar esse tabuleiro pra trabalhar e independente de qualquer coisa nos temos que respeitar a nossa religião e as dos outros, e quando eu vou trabalhar a primeira coisa que eu faço é oferecer o meu

acarajé a OYÁ(Iansã), são 9 acarajé pequenas, somos filhos dela, nos temos que jogar antes de anunciar nossos trabalho é o nossos caminho que tem que ser aberto (NORMA. Entrevista realizada em 01/2020).

Nesse depoimento a baiana faz relação da orixá com os 9 filhos conforme já citado acima e das oferendas na qual ela mesmo faz a Oyá. Sua resposta demonstra a importância e respeito que ela possui para com a religião, que mesmo sendo voltado para as vendas, ela não deixa de explicitar que o acarajé é uma comida de santo. Nessas entrevistas as baianas sempre deixavam muito claro que o acarajé é de Oyá e que aqueles que compram para o consumo tem que ter consciência dessa relação.

Assim, percebemos que o acarajé está totalmente ligado ao orixá Oyá e perguntamos a Yalorixá Luana Basso sobre as características de Oyá, mediante a indagação: “quais são as principais características desse Orixá??”

As principais características de Iansã é a metamorfose onde tudo se transforma, é os ventos que é a liberdade, é a mulher guerreira né, a mulher imponente que não depende de seus maridos, de seus homens para conquistar qualquer outra coisa... então uma das principais características de Iansã que é Oyá é a força, a determinação e a mudança(YALORIXÁ LUANA BASSO. Entrevista realizada em 06/2020)

A fala da Yalorixá Luana demonstra que a orixá é uma mulher forte e independente, representando muito bem as mulheres baianas, em que essas se mostram, como empreendedoras, muito independentes financeiramente dos seus cônjuges. Segundo (MARTINI, 2007) as mulheres baianas, são donas dos seus pontos onde ocorrem as vendas de acarajé e não aceitam que homens ordenem nada a elas. Assim é Oyá, “representa os raios de luz da manhã, sendo sempre a representação majestosa da mulher”(SANTUARIODEUMBANDA,2020),orixá de elemento fogo que demonstra muita garra e representa o empoderamento feminino, inclusive das mulheres pretas e, sobretudo, das Baianas vendedoras de Acarajé. A seguir analisaremos o Acarajé como um símbolo de resistência e força que as possibilita as Baianas demonstrarem sua luta e independência.

O Acarajé

Sobre o acarajé, podemos verificar que sua história está associada a questões de ordem religiosa e, atualmente, pode ser compreendida dentro da perspectiva da resistência de

luta da mulher preta, principalmente, da Baiana, pela sua determinação em cultivar a tradição do Acarajé mediante a sua venda. O Acarajé está imbuído de uma série de aspectos simbólicos que representam a raiz da matriz africana. Seu histórico atrela-se ao reflexo da força das mulheres pretas que vendem o Acarajé, tradicionalmente vestidas com roupas que expressam a religião afro, essencialmente, o candomblé (JÚNIOR, 2001).

Figura 1- O Acarajé



Fonte: Revista Casa e Jardim (2016)

A figura 1 representa o acarajé, que é um “bolinho” feito a base de feijão fradinho, cebola e pimenta. “O acarajé é basicamente um bolinho feito a partir de feijão fradinho, frito em azeite de dendê e servido justamente com vatapá, caruru e camarão, além da pimenta” (BITTER; BITAR, 2012, p.214).

Além de ser uma comida literalmente baiana tem um significado de luta e resistência preta, que carrega muita história dos negros. Segundo a Yalorixá Luana Basso o Acarajé sempre foi comida de escravo, quando perguntado “qual a relação do acarajé com a religião de matriz africana?” ela respondeu que a relação veio da época de escravidão, no qual a comida era produzida e consumida pelos escravos:

A relação do acarajé com a religião de matriz africana ele vem de já da época dos escravos né da escravatura, porque na África não se tinha acarajé, só depois do período da escravatura que foi inventado o bolinho de feijão né, pelo custo benefício porque se plantava e colhia em qualquer lugar e porque era um dos recursos que os escravos tinham para se alimentar, então eles inventaram o bolinho, eles pegaram o feijão mergulharam na água tiraram a casca, bateram a sua massa

e fritaram no azeite de dendê, era comida de escravo(YALORIXÁ LUANA BASSO. Entrevista realizada em 06/2020).

Foi a partir desse período que as escravas baianas saíram pelas ruas de Salvador a mando de seus senhores para vender o acarajé e outros quitutes de seus tabuleiros. “Escravos de aluguel ou de ganho, vendedoras ambulantes, daqueles quitutes que preparavam, tais como: mingaus, peixes fritos, acarajé, abará, bolos etc” (JÚNIOR, 2001,p.39). Atualmente, o Acarajé tem um sentido de sustento para as famílias dessas Baianas, o que antes era uma obrigação - vender Acarajé como escrava, hoje, é uma honra para mulheres Baianas demonstrarem sua cultura através da culinária.

Ainda com relação a representatividade do Acarajé no cotidiano das Baianas, perguntamos às oito baianas: “o que significa o Acarajé para você?” Das oito respostas, duas Baianas o atrelaram a religião, precisamente, associaram o Acarajé a Orixá Oyá , conforme já apontado anteriormente. As outras seis entrevistadas associaram suas respostas à independência que as mulheres conquistaram a partir da venda do acarajé. Além disso, relacionaram também a venda do acarajé a transmissão dos hábitos tradicionais “de geração em geração”, dentro das famílias baianas. A Baiana Crislene respondeu ainda sobre o significado do acarajé para ela como sendo: “*uma fonte de renda e significa também um trabalho né, eu gosto de trabalhar com isso. Tenho prazer de trabalhar com acarajé*”(Entrevista realizada em 01/2020). Nesse discurso da Baiana Crislene, que já exerce a função há 20 anos, percebe-se a importância do acarajé no aspecto econômico e no sustento da mesma, e também o orgulho que ela sente em exercer tal função. A baiana Marici, traz uma perspectiva de um significado “familiar” e demonstra a independência que o acarajé proporcionou para ela e sua mãe, que por mais que fosse semi-analfabeta conquistou os bens materiais e seus sustentos, por meio das vendas.

Pra mim o acarajé, significa assim, eu estou representando minha mãe, minha mãe foi uma pessoa semi-analfabeta, conquistou a vida dela, independência dela, que muitas pessoas que tivessem universidade, mestrado, doutorado não conseguia, ela conseguiu a casa dela, carro do ano, tudo direitinho e tinha mais uma coisa de muito abuso,baiana tem que ter inox...ela era simples, fazia um bom acarajé, ela ali na estrada onde hoje em dia é banco, filas, minha mãe sentava 16 horas, 19 horas tava em casa, era questão de duas horas (Miraci. Entrevista realizada em 01/2020).

A baiana Marijane, que exerce a função há 48 anos, também expressa o valor familiar que o acarajé deixou para ela e que irá passar para gerações futuras, conforme podemos verificar: “o acarajé é tudo pra mim, porque é uma coisa que eu nasci pra fazer acarajé, eu já *“nasci dentro do acarajé”*, a moça que me criou vendia acarajé, ela morreu e eu continuei”(Acarajé da Marijane. Entrevista realizada em 02/2020). Percebe-se nessas expressões das Baianas, ao falar sobre o valor familiar que o Acarajé possui para elas, a autenticidade do quitute, e a quantidade de histórias que ele carrega consigo, a tradição que não se encontra em qualquer comida típica.

Na entrevista realizada com a Baiana Regine, que já atua no ofício há 12 anos, nota-se uma manifestação voltada para o aspecto cultural, mais precisamente, o Acarajé representa a cultura baiana: “o Acarajé é a cultura baiana né...é a nossa cultura”(Acarajé da Regine. Entrevista realizada em 02/2020).

A Baiana Júlia que já exerce a função de Baiana do Acarajé há 30 anos, respondeu que o Acarajé significa: “ *minha fonte de vida de sobreviver*”(Acarajé da Júlia. Entrevista realizada em 02/2020). Essa afirmação de Júlia revela mais uma vez o quão significativo é o Acarajé para o sustento dessas mulheres, transformando-se em fonte de sobrevivência.

A Baiana Mary, compreende o significado do Acarajé como uma herança do sustento de suas avós, que passou para sua mãe e depois foi ensinado para ela. Para a Baiana Mary o Acarajé possui um imenso valor cultural e econômico.

“O acarajé significa minha vida, porque foi através desse ofício que minha avó criou, minha bisavó criou minha avó, minha avó criou minha mãe, e minha mãe nos criou e todos nós devemos muito, dependemos muito disso aqui, nós sobrevivemos disso e isso aqui pra mim é uma honra, hoje eu levanto essa bandeira sou baiana e sou baiana com orgulho, hoje vender acarajé é profissão”(Mary. Entrevista realizada em 02/2020).

De acordo com as narrativas, pudemos compreender o Acarajé é considerado pelo IPHAN como patrimônio, devido a sua grande importância cultural , que traz consigo tradições dos escravos e que está totalmente atrelado às religiões de matriz africana, o candomblé e a umbanda. A herança cultural e religiosa estão presentes entre a relação das Baianas e o Acarajé, pois a prática da comercialização é herdada da avó e repassada pelas mães às filhas, assim sua gastronomia enriquece a culinária Baiana com todos os seus aspectos tradicionais.

Metodologia

Para a presente pesquisa foi utilizada a metodologia de carácter exploratório e uma entrevista semi-dirigida. Dessa forma trazemos o conceito de metodologia que para Fonseca

(2002) "Methodos significa organização, e logos, estudos sistemáticos, pesquisa, investigação; ou seja metodologia é o estudo da organização dos caminhos a serem percorridos para se realizar uma pesquisa ou estudo para se fazer ciência" (GERHARDT; SILVEIRA, 2009, p.12 **apud** FONSECA, 2002, p.31). Para melhor compreensão do significado da pesquisa exploratória, ainda nos pautamos em Fonseca em que diz que "a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites" (FONSECA, 2002, p. 32).

Para um melhor resultado também realizamos uma entrevista semi-dirigida que foi aplicada durante o trabalho de campo. A pesquisa de campo caracteriza-se pelas 'investigações em que além da pesquisa bibliográfica e/ou documental, se coletam dados junto de pessoas, utilizando diversos tipos de pesquisas" (FONSECA, 2002, p.32)

A entrevista aconteceu em Salvador (BA), no centro histórico (Pelourinho). Portanto, o trabalho de campo ocorreu nas seguintes localidades: Praça da Sé, Elevador Lacerda, Praça Terreiro de Jesus e Largo do Pelourinho. Esses são pontos turísticos no centro histórico, pontos que recebem muitos turistas durante o dia. Delimitamos essa área, porque fomos informadas de que ali se encontravam as tradicionais Baianas do Acarajé, as quais pudemos entrevistar.

Considerações Finais

Mediante a pesquisa realizada pudemos observar que o Acarajé se enquadra na categoria de patrimônio cultural do momento em que traz consigo costumes e histórias de povos pretos que foram escravizados e proibidos de se expressar culturalmente. O Acarajé por sua vez, faz parte da cultura africana e está relacionado com culinária típica e a religião, mais precisamente, o candomblé, em que o quitute é oferecido em culto religioso para Oyá, Orixá que representa as mulheres fortes e independentes. Além disso, as mulheres que exercem o ofício de Baianas do Acarajé, obtêm seu sustento e o de seus familiares a partir da comercialização do Acarajé. A prática foi passada de geração em geração, assim mulheres da mesma família, ensinam umas às outras a produzir e vender as mercadorias de seus tabuleiros, fazendo com que o ofício se torne uma tradição. Dessa forma o Acarajé demonstra seu grande valor cultural, visto que o tombamento é de grande importância para a visibilidade



do ofício, pois concede mais autenticidade ao quitute e empoderamento às Baianas do Acarajé.

Referências

BITTER, Daniel; BITAR, Nina Pinheiro. **Comida, trabalho e patrimônio**. Porto Alegre, n.38, p.213-236, 2012.

BORGES, Meneses, Florismar. **Acarajé: tradição e modernidade**. Salvador, 2008.

CASCUDO, Luis Câmara. **História da alimentação no Brasil**. 3ª ed. São Paulo; Global. 2004.

ERNANDES, Marly Ângela Martins. **A influência da culinária africana no Brasil**. Paraná, 2013.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

JÚNIOR, Emanuel Rocha. **A baiana do acarajé no mercado informal de Salvador: Um estudo de caso**. Salvador, p.8-55, 2001.

LODY, Raul. **Atlas Afro-brasileiro: Cultura Popular**. Salvador :Edições Maianga, 2006

MARTINI, Gerlanes Torres. **Baianas do acarajé: A uniformização do típico em uma tradição culinária afro-brasileira**. Brasília 2007.

MASCARIN, Tereza De Fatima. **Ritual de preparação do acarajé para Iansã: dimensão sagrada e profana**. Sarandi-PR, 2012.

Métodos de pesquisa / [organizado por] Tatiana Engel Gerhardt e Denise Tolfo Silveira ; coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

NASCIMENTO, Alessandra Amaral Soares. **Candomblé e Umbanda: Práticas religiosas da identidade negra no Brasil**. RBSE, 9 (27): 923 a 944. ISSN 1676-8965, dezembro de 2010. <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html> ARTIGO.

Sites utilizados

A história do Acarajé: Caminhos da gastronomia. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L6_bDp9hGVc .Acesso em JUN, 2020.



Artigo 216 constituição federal 1988, patrimônio cultural. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10647933/artigo-216-da-constituicao-federal-de-1988>.

Acesso em jun,2020.

IANSÃ. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/locais-para-ofereandas/vale-dos-orixas/iansa/>. Acesso em jun,2020.

O acarajé de bela gil. Disponível em: <https://revistacasaedjardim.globo.com/Casa-e-Comida/Colunistas/Dia-de-feira-por-Bela-Gil/noticia/2016/07/comfort-food-baiana.html>. Acesso em jun,2020.

Terreiros Tombados. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1312>
<http://cultura.gov.br/mais-dois-terreiros-de-candomble-sao-tombados-pelo-iphan/>
<http://www.cultura.al.gov.br/politicas-e-aco-es/patrimonio-cultural/principal/textos/patrimonio-cultural-o-que-e>. Acesso em: jun,2020.

Tombamento de terreiros protege práticas religiosas. Disponível em: http://desafios.ipea.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3128&catid=53&Itemid=23. Acesso em jun,2020.

Você conhece o acarajé?. Disponível em: <http://www.palmares.gov.br/?p=43698#:~:text=A%20palavra%20acaraj%C3%A9%20se%20origina,Xang%C3%B4%20com%20sua%20esposa%20Ians%C3%A3>. Acesso em jun,2020.

XANGÔ. Disponível em: <https://santuariodeumbanda.com.br/site/locais-para-ofereandas/vale-dos-orixas/xango/>. Acesso em jun,2020.